

CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS, SOCIAIS E ESTILÍSTICAS SOBRE AS IMAGENS DE ROCA DE NOSSO SENHOR DOS PASSOS E NOSSA SENHORA DAS DORES EM SÃO CRISTÓVÃO-SERGIPE ¹

Ivan Rêgo Aragão

Mestre em Cultura e Turismo (Uesc-Bahia)
Técnico em Conservação de Bens Culturais Móveis e Integrados
ivan_culturaeturismo@hotmail.com

Palavras-chave: Imagem de vestir, imagem de roca, Senhor dos Passos, Procissão, Rito.

Introdução

Ao ser transplantado para a América Portuguesa durante o Brasil colônia, o culto da Paixão esteve presente no programa iconográfico das irmandades das Ordens Terceiras do Carmo do país. O fato em questão proporcionou no período dos Seiscentos aos Novecentos, a produção de uma imaginária processional relacionada à devoção dos últimos momentos da vida de Cristo. Embora também fossem utilizadas como peças de culto e decoração no interior das igrejas - assim como as imagens de talha inteira - a função de destaque das imagens de roca estava destinada as festas processionais e encenações de culto público.

Com uma manufatura diferenciada, eram confeccionadas quase sempre em tamanho natural com articulações e olhos de vidro, e incorporadas vestimentas em tecido, jóias e cabelos. A utilização desses adereços tinha o intuito de tornar mais realista e teatral as figuras dentro da cena. A presente pesquisa se detém na imaginária processional utilizada na festa quaresmal na cidade de São Cristóvão: Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores. O objetivo principal é descrever os aspectos histórico, sociais e estilísticos sobre as duas Imagens de Roca na Festa dos Passos. Os objetivos específicos são relatar a singularidade do achado da imagem de roca do Senhor dos Passos. E, averiguar que as imagens em questão, são vetores de identidade e pertencimento em Sergipe.

Inicialmente, utilizou a pesquisa bibliográfica, documental e digital com o aporte teórico de Brasil (2001), Campos (2000, 2004), Flexor (2003, 2005), Oliveira (2000), Quites (1997, 2006, 2007), Orazem (2006) e Rabelo (2009). A pesquisa documental foi baseada nos manuscritos do Fundo Serafim Sant'iago, acervo pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS) e no Inventário Nacional dos Bens Móveis e Integrados de Sergipe e Alagoas, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Sergipe. Foi realizada a pesquisa de campo através da observação *in loco*, com colhimento de depoimentos de alguns residentes. Ao final do estudo, se constatou que atualmente as imagens de roca em São Cristóvão-Sergipe vão além da função religiosa, são também objetos que criam vínculos sociais e de identidade, bens culturais (material e imaterial) e atrativos turísticos.

¹ Com o auxílio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o presente artigo é parte integrante do Capítulo II da minha Dissertação de Mestrado em Cultura e Turismo, intitulada: "Vinde todas as pessoas e vede a minha dor": a Festa ao Nosso Senhor dos Passos em São Cristóvão-Sergipe-Brasil como Atrativo Turístico Potencial, defendida no dia 04 de abril de 2012, sob a orientação da prof. Dr. Janete Ruiz de Macedo.

As Imagens de Roca e de Vestir

As imagens das figuras de Cristo e Nossa Senhora, sempre exerceram fascínio dentro da religião cristã. No catolicismo a adoração de imagens faz parte da doutrina, sendo recomendado o seu culto e devoção como mediador no diálogo com Deus. Possuindo uma larga propagação na Espanha, também tornaram-se objetos de religiosidade e culto público em Portugal. As esculturas foram transplantadas para a América Portuguesa vindas com os padres das Ordens Religiosas. Com a União Ibérica (1580-1640),² as Imagens de Roca tiveram grande aceitação em Salvador (FLEXOR, 2005) e consequentemente em São Cristóvão, visto que a província de Sergipe Del Rey até 1820³ estava ligada tanto política, como religiosamente à Bahia (NUNES, 2007).

Nos estudos de Quites (1997, 2007), está mencionado que tanto a Imagem de Vestir, como a Imagem de Roca são articuladas, porém os seus membros ficam escondidos sob as roupas. Segundo a autora anteriormente citada, “essas duas categorias geralmente possuem perucas de cabelos naturais e vestes feitas em tecido” (1997, p. 1). Desde o século XVIII, esses objetos de culto foram feitos para serem utilizados nas procissões e serviam para tornar a cena mais realística e dramatizada. Por se tratarem de esculturas confeccionadas para receberem uma vestimenta, a grande maioria delas tinha uma talha pouco elaborada. Flexor (2005) informa que em Salvador setecentista,

A possibilidade de mudar a roupagem e gestos se coadunava perfeitamente com a teatralidade barroca e com que a cena pedia. Essa prática, como se viu, remontava a Idade Média, quando, nas teatralizações das vidas dos santos, a Igreja tomou emprestada do teatro de marionetes o uso de bonecos, vestidos de acordo com a cena que representavam (p. 529).

Até o final do século XIX as imagens de roca e de vestir foram importantes instrumentos de propaganda religiosa católica contrareformista. Passaram anos esquecidas por serem [...] “consideradas como uma arte menor em detrimento da imaginária de talha inteira” (QUITES, 2007, p. 90), vêm sendo estudadas por historiadoras e pesquisadoras da história da arte em Minas Gerais, Bahia e Rio de Janeiro.⁴ Atualmente se constata a relevância didática, social e religiosa desses objetos como facilitadores para a filosofia barroca trentina. Rabelo (2009) reforça o caráter das imagens de roca ao mencionar que, [...] “estas imagens faziam parte de um espetáculo artístico efêmero de forte comoção, que, finito numa duração temporal, deixaria impregnada uma impressão comovente e transformadora no fiel” (não paginado). Foram importantes objetos de culto e devoção para a conversão dos colonos relembando a influência da Igreja Romana em solo brasileiro.

Criadas e enfatizadas pela matriz sensorial das procissões, as imagens provocavam emoções e lágrimas nos fieis. E essas lágrimas, inclusive recomendadas pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, surgiam diante das cenas de sofrimento de Cristo e de Maria. Outras levavam à meditação. Criavam, por assim dizer, o cenário propício (FLEXOR, 2005, p. 165).⁵

² A União Ibérica durou 60 anos. Nesse período as monarquias de Portugal e Espanha tiveram como único soberano os reis Felipe II, Felipe III e Felipe IV.

³ Ano da emancipação política da província de Sergipe Del Rey.

⁴ Campos (2000, 2004), Flexor (2003, 2005), Oliveira (2000), Quites (1997, 2006, 2007), Rabelo (2009).

⁵ BAHIA. CONSTITUIÇÕES PRIMEIRAS DO ARCEBISPADO DA BAHIA, feitas, e ordenadas pelo Illustrissimo e Reverendissimo Senhor D. Sebastião Monteiro da Vide, 5o Arcebispo do dito Arcebispado, e do Conselho de Sua Magestade: propostas e aceitas em o Synodo Diocesano, que o dito Senhor celebrou em 12 de Junho do anno de 1707. S. Paulo: Typog. 2 de Dezembro de Antonio Louzada Antunes, 1853 (Impressas em Lisboa em 1719 e Coimbra em 1720).



*Figura 1: Procissão do Encontro/Festa do Senhor dos Passos
São Cristóvão-Sergipe. Ivan Rêgo Aragão (2012).*

Quando não estavam em cima das charolas nas procissões, serviam para o culto dentro das igrejas. Eram periodicamente limpas, trocadas de roupa, cabelo e jóias. Inicialmente tinham vestes simples para representar a luto no caso de Nossa Senhora nas cenas da Paixão. Com a responsabilidade a cargo das irmandades e ordens terceiras, as imagens passaram a serem ornadas com tecidos e jóias mais caros. Flexor (2005) menciona que em Salvador no século XVIII,

40

A participação das Irmandades e da população na ornamentação de imagens fez o luxo ser, cada vez, mais crescente. O setecentos substituiu as antigas vestes negras por preciosas vestimentas, de finos tecidos – veludos, sedas, brocados –, por vezes bordados a ouro ou prata que, em conjunto com os demais ornamentos, – pérolas, marfim, pedras semipreciosas –, contribuíam significativamente para a verossimilhança da imagem com figuras luxuosas das Cortes. No século XVIII, muitas figuras desses cenários foram enriquecidas, especialmente os mantos da Virgem. [...]. Para sair à rua nas procissões, os Santos vestiam-se, portanto, com luxo e não só usavam jóias como tinham sua coleção particular de peças de ouro, prata e pedras preciosas. No imaginário popular, a Virgem e o Cristo Crucificado, os Santos e Santas amavam as riquezas, como os seres humanos, e talvez até mais (p. 173).

Características das Imagens de Roca na Festa de Passos em São Cristóvão-Sergipe

Dentro das tipologias das imagens, dimensões e tecnologia de construção, o presente artigo destaca as imagens de roca que estão inseridas na festa saôcristovense para a representação cênica dos Últimos Passos do Senhor a caminho da crucificação. Sendo a invocação escultórica do Cristo e sua Mãe, os principais objetos de devoção e personagens da comemoração sacra, e que, já fazem parte do imaginário e memória coletiva dos participantes. O destaque fica para a imagem que representa Jesus, que possui olhos de vidro, onde sua indumentária e peruca são trocadas a cada edição da festa (FIG. 1).



*Figura 2: Imagem Processional/N. S. das Dores. Igreja da Ordem 3ª do Carmo, São Cristóvão-Sergipe
Ivan Rêgo Aragão (2011).*

São imagens articuláveis que foram construídas no século XVIII ou XIX (BRASIL, 2001), representando Nosso Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores,⁶ e que fazem parte do acervo da Igreja da antiga Ordem 3ª Carmelita. Segundo o documento de inventário de bens móveis e integrados dos estados de Sergipe e Alagoas, ambas as imagens têm proteção legal nos níveis estaduais e federais, bem como tombamento em conjunto com a igreja carmelita. A imagem do Senhor dos Passos está inscrita no Livro Histórico, volume I, folha 35 e de Belas Artes, volume I, folha 60. A imagem processional de Nossa Senhora (FIG. 2) possui inscrição no Livro Histórico, volume I, folha 35 e no Livro de Belas Artes, volume I, folha 60 (BRASIL, 2001).

Construídas em madeira onde possuem rosto, mãos e pés policromados, são destinadas ao culto interno da igreja, mas principalmente, ao culto público. São imagens utilizadas para rememorar uma das Sete Dores de Maria ao encontrar o seu Filho na Via da Amargura.⁷ Ambas as esculturas possuem cabeça e mãos, porém a imagem do Senhor dos Passos por estar com um dos joelhos tocando o chão, se apresenta com um dos pés aparente (FIG. 3). Como a imagem de Cristo, a de Maria

⁶ Esse momento representa uma das Sete Dores de Maria, originando a invocação denominada Nossa Senhora das Dores. Na sua iconografia, N. S. das Dores é representada vestida de branco e roxo, com lenço em suas mãos e com sete espadas que transpassam o seu coração. A imagem de vestir de Maria na Festa do Senhor dos Passos é uma variação iconográfica de N. S. das Dores, visto que não possui as sete espadas. Pela semelhança da representação, em alguns estudos ela se confunde com N. S. da Soledade, sendo que esta invocação reporta à cena de Maria aos pés da Cruz, onde Jesus já se encontra crucificado o que não é o caso da festa em São Cristóvão.

⁷ A Procissão do Encontro retrata Quarta Dor de Maria. “O encontro desta Mãe com Seu Filho, carregando a cruz, no caminho para o calvário” (Lucas, 23, 26-27).



Figura 3: Senhor dos Passos Ajoelhado. Detalhe do pé aparente. São Cristóvão-Sergipe. Fonte: <http://coisasdesaocristovao.blogspot.com.br>.



Figura 4: Armação Interna com Ripas em Madeira/N. S. das Dores. Igreja da Ordem 3ª do Carmo, São Cristóvão, Sergipe. Foto: Ivan Rêgo Aragão (2011).

tem o corpo confeccionado em uma armação interna em madeira forrada com um tecido azul, todavia não possui pés esculpidos (FIG. 4).

Em depoimento, o Sr. Henrique salientou a importância no processo de revisão do estado de conservação das imagens.⁸ Pela sua dupla função: social e religiosa é fundamental que se mantenha as esculturas com a sua estrutura e estética intacta, para que elas continuem exercendo esses dois papéis na sociedade (MAUÉS E ET AL, 1998). Na observação *in loco* se verificou que muitos devotos não se contentam apenas em olhar e venerar Senhor dos Passos. Alguns dos fiéis querem tocar a imagem, jogar túnicas roxas e objetos de ex-votos em pagamento de promessa danificando a carnação, ou até como já ocorreu, desarticulando o braço da imagem. Esse fato foi relatado por D. Neném, moradora local. A depoente informou que [...] “teve um ano que jogaram bastantes vestes roxas em pagamento de uma promessa, que o braço do Senhor dos Passos descolou” [...].⁹

Duas Imagens de Roca Sãocristovenses: Localização, Rito e Descrição

Segundo o Brasil (2001), a imagem do Senhor dos Passos e Nossa Senhora das Dores fazem parte do acervo da Igreja da Ordem 3ª Carmelita. Também conhecida popularmente como Igreja do Senhor dos Passos por abrigar em seu altar mor a imagem de Cristo em madeira. No período da Festa acontece o descendimento da imagem do Senhor dos Passos, bem como o deslocamento da imagem de Nossa

⁸ Depoimento colhido em 19/03/2011 na cidade de São Cristóvão.

⁹ Depoimento colhido em 20/03/2011 na cidade de São Cristóvão.



Figura 5: N. S. das Dores/altar lateral. Igreja da Ordem 3ª do Carmo. São Cristóvão-Sergipe. Ivan Rêgo Aragão (2011).

Senhora do altar lateral (FIG. 5). Além do culto no interior da igreja, os objetos passam para o culto externo das ruas através das procissões no centro antigo da cidade. Durante a festa, e três semanas após onde ainda são rezados três Ofícios da Paixão, as esculturas do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora permanecem em charolas lado a lado para a visitação dos devotos, penitentes, turistas e curiosos.¹⁰

De acordo com o Sr. Henrique, [...] “um grupo de homens prepara o Senhor dos Passos e um grupo de mulheres Nossa Senhora das Dores” [...].¹¹
Depoimento colhido em 19/03/2011 na cidade de São Cristóvão.

É um ritual cercado de mistério, onde um pequeno grupo de homens e mulheres que fazem parte da comunidade troca a roupa e a cruz da imagem, arruma os cabelos, perfuma e observa o estado de conservação das imagens. Na adolescência D. Maria do Carmo, começou a bordar as roupas das esculturas que saíam na procissão e,

¹⁰ A cargo da Igreja da Ordem 3ª do Carmo, os Ofícios de preparação para a Festa de Nosso Senhor dos Passos e da Semana Santa, são sempre nas sextas-feiras, às 18h30min.

¹¹ Em 2011, tiveram início com o 1º Ofício no dia 25 de fevereiro, depois seguiram o 2º no dia 4 de fevereiro, o 3º em 11 de março, o 4º na data de 18 de março (já nas comemorações da Festa de Passos), o 5º em 25 de março, o 6º no dia 1 de abril e o 7º e último Ofício no dia 8 de abril.



*Figura 6: N. S. dos Passos/detalhe rosto
São Cristóvão-Sergipe. Ivan Rêgo Aragão (2012).*

44

até os dias atuais, perfuma a escultura de Nossa Senhora arrumada e preparada para a festa.¹²

Sobre a periodização das imagens da Igreja da Ordem 3ª do Carmo Orazem (2006, p. 72) menciona que,

Todas as esculturas – imagens sacras - existentes na igreja da Ordem Terceira não são do período colonial, notando-se uma quantidade de esculturas do período Neoclássico e até mesmo de período posterior. Confirma-se essa afirmação quando, ao se deparar com as imagens, não se percebe nenhuma característica marcante do período colonial, ou seja, esculturas com movimentação, ou com fisionomias realistas. Existem algumas esculturas de roca, com o corpo articulado e que possuem vestuária, porém, estas são do período posterior por volta de século XIX ao início do XX.

A imagem do Senhor dos Passos é uma peça erudita de boa fatura, provavelmente do século XIX, podendo ser de origem portuguesa ou baiana (BRASIL, 2001). Representa figura masculina, genuflexa com a cabeça pendida para frente. Possui cabelo na forma de peruca e um resplendor em formato circular, com feixes de raios retos centralizado por um girassol estilizado com pedra aparente e em resalto.

¹² Informação cedida pela depoente em 19/03/2011 na cidade de São Cristóvão.



*Figura 7: N. S. das Dores/detalhe tronco e rosto
Igreja da Ordem 3ª do Carmo, São Cristóvão-Sergipe. Ivan Rêgo Aragão (2011).*

45

A peça escultórica apresenta testa com a marca da coroa de espinho, olhos abertos, nariz aquilino, com orifícios, boca entreaberta com dentes. Possui bigode cheio sobre barba curta, cheia, esculpida em sulcos e repartidas em duas partes (FIG. 6). Os braços são articulados a frente: o direito tem a mão segurando a parte inferior do lenho da cruz, o esquerdo possui a mão segurando o transepto. Encontra-se vestindo túnica roxa e cordão dourado amarrado à cintura.

A imagem de Nossa Senhora é uma peça de boa fatura, rosto suave e expressivo, podendo ser datada do final do século XVIII ou início do XIX (BRASIL, 2001). É uma imagem de roca feminina que se apresenta em pé com a cabeça encoberta por um manto em tecido lilás, olhos abertos, nariz aquilino com orifícios e boca entreaberta (FIG. 7). Braços articulados, mãos sobre o peito, corpo sugerindo túnica azul e roxa revestindo estruturas em ripas sobre base de madeira.

O Mito do Achado da Imagem do Senhor dos Passos

Segundo a tradição oral, confirmada pelo manuscrito¹³ de Serafim Sant'iago a origem da tradicional devoção do Senhor dos Passos vem de uma época "muito remota". Segundo o autor citado (2009, p. 180), às homenagens a Jesus Cristo sob esta invocação tiveram início a partir de uma história que remete ao achado da imagem no rio Paramopama.¹⁴

Em seu anuário Sant'iago menciona que,

¹³ Documento com data de 1920 foi editado e impresso em 2009.

¹⁴ Afluente que beira a cidade pela parte baixa.



Figura 8: N. S. dos Passos. São Cristóvão/Sergipe
<http://coisasdesaocristovao.blogspot.com.br>.

46

Um homem praiano, (diziam elles), cujo nome não me lembro, encontrou certo dia, rolando pela costa que fica ao sul da Cidade, um grande caixão resultado talvez de algum naufrágio de alguma sumaca; elle cuidadosamente rolou-o para a terra, abriu-o e surprehendido ficou verificando a existência de uma perfeitíssima Imagem de roca em tamanho natural. O homem de educação religiosa muito honesto, tomou uma canôa e nella acomodou o referido caixão, e com outros companheiros transportou para a velha cidade, o feliz e milagroso achado. Foi esta sagrada Imagem ali entregue aos frades jesuítas carmelitas que collocou em uma capelinha da Igreja – Ordem 3a. do Carmo, e depois de longos annos, mudada para o Throno do Altar-mór da mesma Igreja. Como sabem, sempre foi no segundo domingo da quaresma, o dia aprasado para effectuar a tradicional procissão dos Passos na antiga Cidade.¹⁵

A procedência da escultura é desconhecida, no caixote constava somente a descrição: para São Cristóvão de Sergipe Del Rey (BRASIL, 2001), (SANT'ÍAGO, 2009), (SERGIPE, 1920). Esse fato é narrado por quase todos os depoentes da pesquisa de campo. O encontro da caixa feito por um pescador está presente na memória dos moradores mais antigos, sendo passada para a população mais jovem, ano após ano, sejam nos dias da festa ou durante todo o ano. Na pesquisa realizada pelo Iphan para levantar o histórico da peça registra-se que após o achado, a Festa de Passos teve início em 1855.¹⁶

¹⁵ Na versão manuscrita, o documento pertence ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS). Fundo Serafim Sant'iago, fl. 20, 1920.

¹⁶ Ano da transferência da capital de São Cristóvão para Santo Antônio do Aracaju.

No Brasil, principalmente na região nordeste no século XVIII e XIX a irmandade terceira carmelita foi responsável pelo culto público das cenas da Paixão, e, portanto, [...] “tiveram o privilégio da cerimônia da procissão do Senhor dos Passos” [...], como explica Flexor (2003, p. 526) em sua pesquisa a documentos de fontes primárias.¹⁷ Em seu artigo denominado “Procissões na Bahia: Teatro Barroco a Céu Aberto”, publicado em 2003 nas Atas do II Congresso Internacional do Barroco pela Universidade do Porto em Portugal, a Professora Maria Helena Ochi Flexor se referencia nas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia para mencionar que o culto e devoção do Senhor dos Passos ficava a cargo da Irmandade Carmelita.

Acredita-se que em São Cristóvão não foi diferente, esse fato pode justificar o ato do pescador em levar a escultura de roca para a Igreja do Carmo, visto que, a imagem representa cristo ajoelhado, e desse modo, uma das cenas dos mistérios da Paixão (FIG. 8).

Considerações Finais

Durante a Festa de Nosso Senhor dos Passos, tanto a Imagem de Roca que representa Jesus, como a de Nossa Senhora, atraem pessoas de vários locais para um auto dramático, barroco de rememoração da Via Dolorosa do Cristo que sofreu à caminho da Cruz. A Praça São Francisco e todo o conjunto arquitetônico que a cerca, são testemunhas de uma das maiores manifestações de fé e devoção do povo sergipano.

A Procissão do Encontro se torna ainda mais realística e expressiva por parte da cena teatral dos Últimos Passos de Jesus, representado pela sua imagem articulada e vestida. Durante um fim de semana da Quaresma, a cidade de São Cristóvão torna-se um cenário para relembrar os últimos dias de Cristo mudando o cotidiano da população local. Trazendo visitantes de várias partes do estado e de outras regiões do Brasil.

Nesse contexto, as Imagens de Roca desde o século XVI até o momento presente na cidade histórica de São Cristóvão, são objetos de referência para o culto público católico. Além da função religiosa, são também objetos que criam vínculos sociais e de identidade, bens culturais (material e imaterial) e atrativos turísticos.

Referências

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Semana Santa ontem e hoje em Minas Gerais: cultura artística e religiosa. AMADO, J. (Org.). In: *História, cara e alma do Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. Piedade barroca, obras artísticas e armações efêmeras: as irmandades do Senhor dos Passos em Minas Gerais. In: *Anais do VI Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte*. Rio de Janeiro: CBHA / PUC-Rio / UERJ / UFRJ. Vol. 1, 2004. p. 1-13.

FLEXOR, M^a. Helena. O. Procissões na Bahia: teatro barroco a céu aberto. In: *Atas do II Congresso Internacional do Barroco*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003. p. 521-534.

_____. Imagens de roca e de vestir na Bahia. In: *Revista Ohun*, Salvador, UFBA, ano 2, nº 2, 2005. p. 165-184.

MAUÉS, Renata de Fátima da Costa; HERRERA-ROMERO, Nireibi Deyanira; QUITES, Maria Regina Emery. Restauração de uma imagem articulada do Senhor dos Passos. In: *Anais do IX Congresso da ABRACOR*, Salvador, 1998. p. 48-51.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *A imagem religiosa no Brasil*. São Paulo: Fundação Bial de São Paulo; Associação Brasil 500 Anos; 2000. Catálogo da Mostra do Redescobrimento: Arte Barroca.

QUITES, Maria Regina Emery. A Imaginária processional em Minas Gerais e a sua conservação. In: *Boletim do Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*. Belo Horizonte, v. 1, nº 05, 1997. p. 1-2.

_____. *Imagens de vestir: revisão de conceitos através de estudo comparativo entre as ordens terceiras franciscanas do Brasil*. Tese de Doutorado (Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) - UNICAMP. Campinas, 2006.

ORAZEM, Roberta Bacellar. *Arte colonial sergipana: análise dos elementos artísticos das igrejas da Ordem Terceira e Conventual do Carmo em São Cristóvão/SE*. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). São Cristóvão: UFS, 2006.

SANT'IAGO, Serafim. *Anuario Christovense ou Cidade de São Cristóvão*. São Cristóvão: UFS, 2009.

Digital

NUNES, Maria Tétis. A Cidade de São Cristóvão na Formação da História Sergipana: da Colônia a nossos dias. In: *Proposição de inscrição da Praça São Francisco em São Cristóvão/SE na lista do patrimônio mundial*. Aracaju: Secretaria do Estado da Infra-Estrutura, IPHAN, Prefeitura Municipal de São Cristóvão, 2007. CD-ROM.

QUITES, Maria Regina Emery. Imaginária Processional: Classificação e tipos de Articulações. In: *Imagem Brasileira*, CEIB, nº 1, 2007, Belo Horizonte. p. 90-94. CD-ROM.

48

Documental

BRASIL. *Inventário Nacional de Bens Móveis e Integrados: Sergipe e Alagoas*, módulo 1, v. 4. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Fundação Vitae, 2001.

SERGIPE. *Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe- IHGSE*. Manuscritos, Fundo Serafim Sant'iago, 1920.

Internet

RABELO, Nancy Regina Mathias. Santos de vestir da Procissão das Cinzas do Rio de Janeiro - Fisionomias da fé. In: *Revista 19&20*, v. 4, nº 1, 2009, Nova Friburgo. Disponível em: <http://www.dezenovevinte.net/obras/imagens_nancy.htm>. Acesso em 02 de março de 2011.